As descobertas do autor e de seus colegas revelam, a partir de ecofatos, uma floresta que teve conjuntos populacionais maiores do que muitas das cidades amazônicas de hoje e que foi palco de uma das mais antigas produções de cerâmica das Américas. O suposto vazio e a suposta pobreza cultural do passado amazônico só encontram guarida na cabeça etnocêntrica de pessoas incapazes de compreender um mundo diferente do delas – um mundo que fugiu insistentemente do modelo de Estado disciplinador; um mundo formado por comunidades diversas sem agricultura ou cerâmica não porque as desconhecessem, mas porque podiam viver bem sem elas; um mundo de gentes capazes de viver com outras gentes sem destruir a casa-floresta.

Pode-se encarar esse passado amazônico, presentificado pela arqueologia, como um longo gesto movido pela abundância da floresta, e não por sua escassez; um gesto circular, avesso a linearidades. Essa, como nos mostra Eduardo Neves, pode ser a maior colaboração da floresta para a criação de um futuro no presente ameaçado pela catástrofe climática promovida pelos humanos da monumentalidade. A arqueologia de Eduardo Neves nos lembra que outro mundo é possível, porque outro mundo já foi possível.

ELIANE BRUM

"Vale a pena recuar no tempo e imaginar uma comunidade indígena, só que ao redor do ano 1000, em algum lugar da Amazônia. As casas e os objetos eram de palha e madeira, com exceção de vasos de cerâmica e eventuais artefatos de pedra. A produção de lixo orgânico, como restos de carvão, ossos de animais, sementes, folhas etc., lentamente depositado nos fundos e no entorno das casas, promoveu mudanças na coloração e na composição química do solo, que aos poucos ia escurecendo e adquirindo um pH menos ácido. Imaginemos que essa comunidade foi habitada durante dois séculos.

Um belo dia, por alguma razão desconhecida, a aldeia é abandonada e, quase instantaneamente, o mato começa a crescer; as casas vão caindo e, sobre elas, brotam árvores. Atualmente já foram identificados mais de 6 mil sítios arqueológicos na Amazônia. Quantas histórias revelam?"

Nesta síntese de oito mil anos de história da Amazônia central, baseada em décadas de pesquisa arqueológica na região, Eduardo Góes Neves contraria o senso comum e revela a riqueza do processo de ocupação humana na região, apresentando o fascinante ofício da arqueologia.

ubueditora.com.br
ISBN 978 85 7126 070 2

ubu FAPESP edusp 50 anos

SOB OS TEMPOS DO EQUINÓCIO EDUARDO G. NEVES edusp ubu

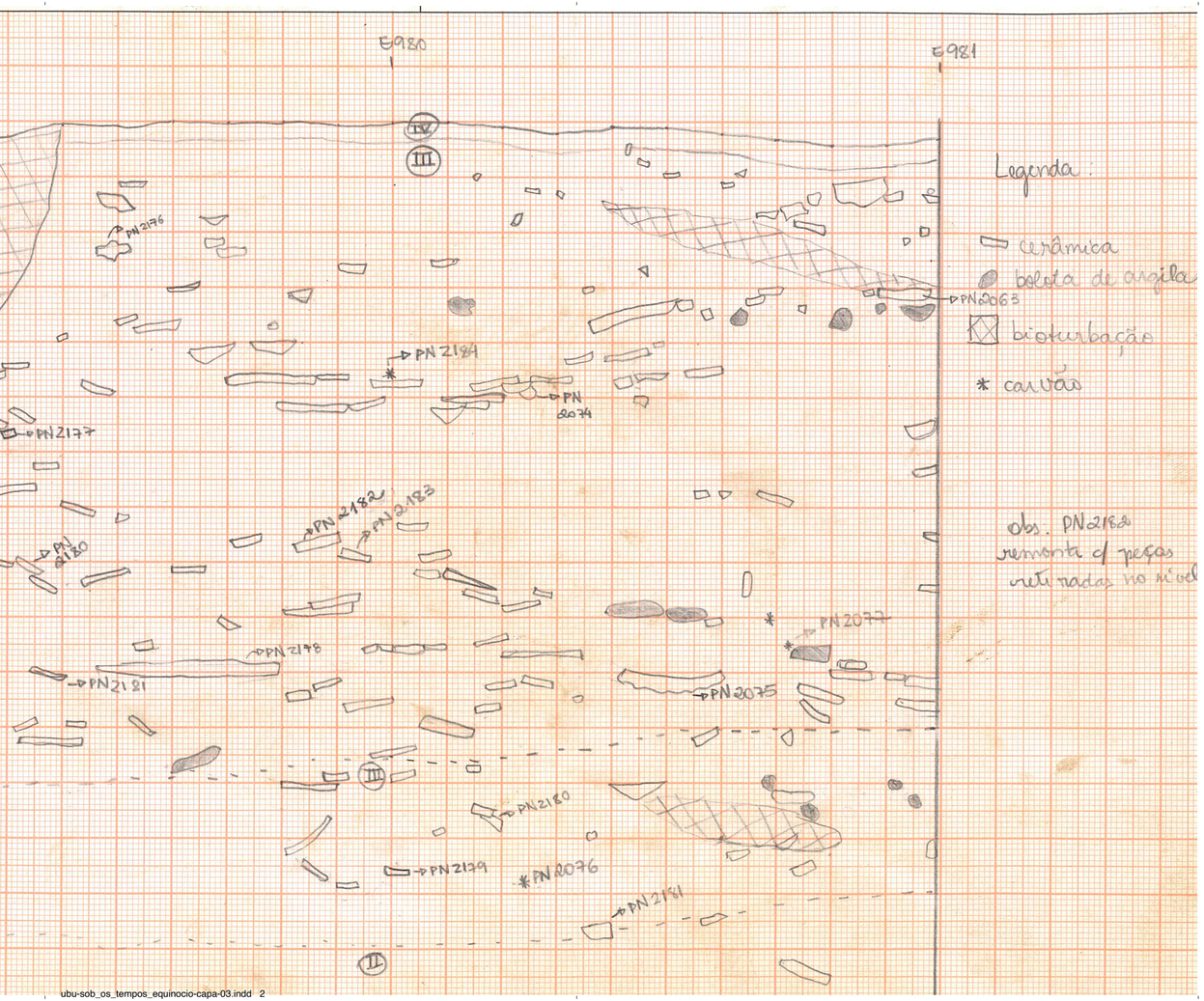
EDUARDO GÓES NEVES

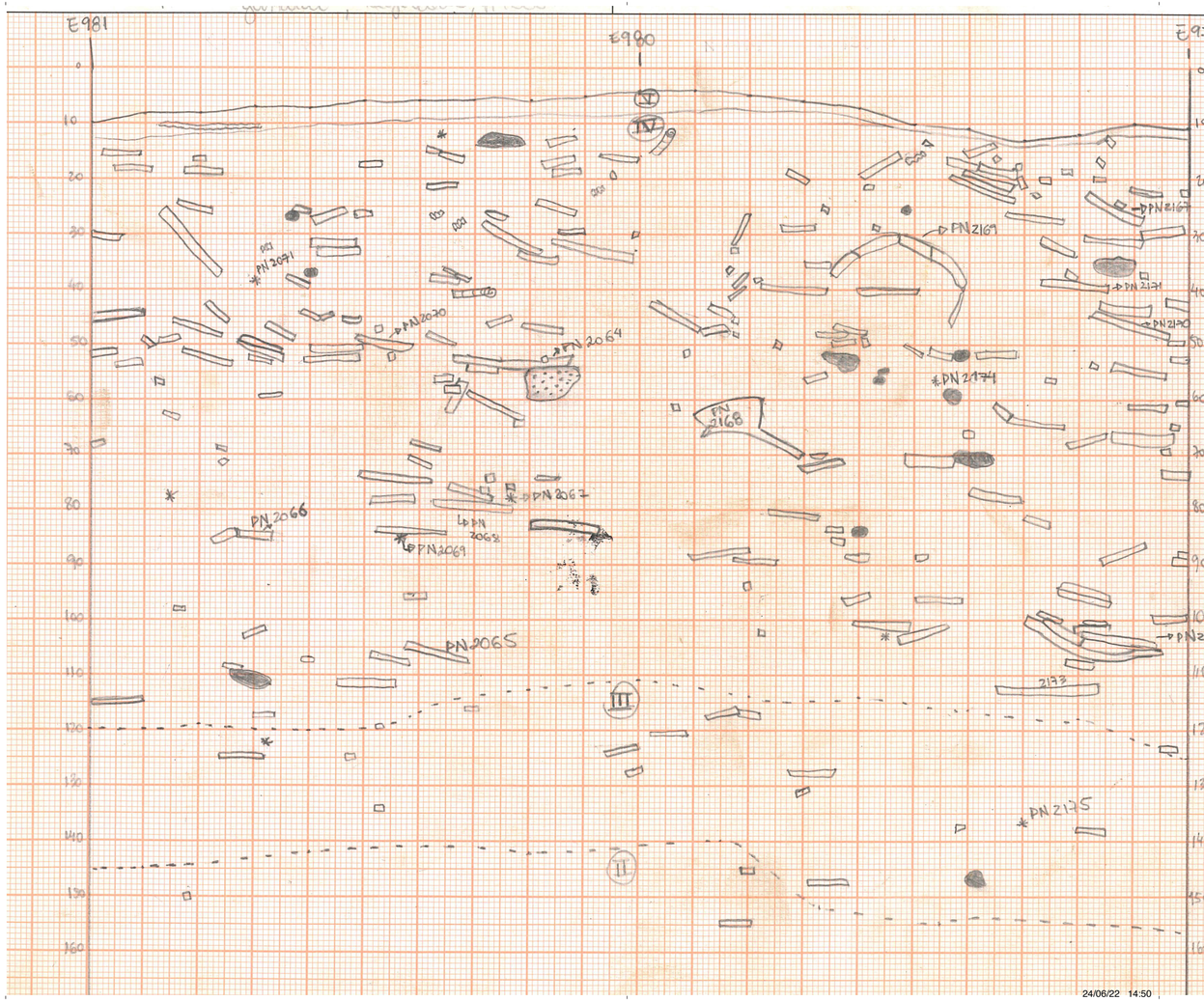
SOB OS TEMPOS DO EQUINÓCIO

OITO MIL ANOS DE HISTÓRIA NA AMAZÔNIA CENTRAL

O Brasil é a periferia da Amazônia – isso os menos estúpidos entre os humanos já perceberam. Não fosse por abarcar em seu território 60% da maior floresta tropical do mundo, insubstituível no enfrentamento do colapso climático, o Brasil atual seria apenas um país marcado por brutal desigualdade, racista até a medula e, com frequência exasperante, às voltas com a ameaça de um golpe capitaneada por algumas das mentes mais medíocres produzidas nos trópicos. Um país curioso, bizarro às vezes, certamente desimportante. A Amazônia, que está se aproximando do ponto de não retorno com ataques de motosserra e incêndios provocados, dá ao Brasil uma posição estratégica no contexto global. A floresta, porém, é uma desconhecida. Não apenas porque há uma infinidade de mundos a se conhecer, de espécies jamais catalogadas a ocupações humanas nunca estudadas; mas porque, para justificar a violação persistente do território amazônico e a aniquilação de seus povos, o Estado e parte das elites econômicas, políticas e intelectuais preencheram o vazio de conhecimento com mentiras e interpretações equivocadas nascidas de seu planeta-umbigo.

Neste livro, Eduardo Neves – o mais importante arqueólogo amazônico do Brasil e um dos mais reconhecidos do mundo – nos guia pelas trilhas da arqueologia em busca da compreensão de uma Amazônia fascinante e radicalmente diferente da imagem que a propaganda oficial da ditadura empresarial-militar (1964-85) forjou em *slogans* como "terra sem homens para homens sem terra" ou "deserto verde". Os caminhos pelos quais Neves nos conduz com generosidade desafiam também a ideia de que monumentos e monumentalidade seriam provas do "avanço" de uma sociedade, que serve de base para uma das *fake news* mais antigas dos trópicos: a de que a Amazônia era um vazio ocupado aqui e ali por povos "atrasados".





ubu-sob_os_tempos_equinocio-capa-03.indd 2
24/06/22 14:50